

Cosmopolíticas e atitudes linguísticas Kayapó: o hino nacional brasileiro na língua Mëbêngôkre (Família Jê)¹

*Michelly Silva Machado*²
Universidade Federal do Pará

Resumo: Este artigo reflete sobre as ações linguísticas para valorização da língua e da cosmovisão Mëbêngôkre-Kayapó. Para isso, analisa-se o “Hino Nacional Brasileiro na Língua Mëbêngôkre”, escrito por Mokuká Kayapó e publicada pelo Projeto de Documentação de Culturas Indígenas do Museu do Índio em 2011. O estudo possui abordagem socioantropológica, realizada através de levantamento bibliográfico, análise textual do hino e conversas informais com os colaboradores bilingues (Português - Mëbêngôkre), com campo digital realizado de 2020 a 2022. O argumento central está voltado nas reações Kayapó contra os anos de contato com os kubê (não indígenas) em defesa da sua segurança física e valorização sociocultural. Como resultados, desvela-se o papel da língua/linguagem como episteme de fala e ato cosmopolítico Kayapó.

Palavras-chave: atitudes linguísticas; hino Kayapó; língua Mëbêngôkre; Kayapó.

MACHADO, Michelly Silva. *Cosmopolíticas e atitudes linguísticas Kayapó: o hino nacional brasileiro na língua Mëbêngôkre (Família Jê)*. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 11 (25): 37-50, janeiro a abril de 2024. ISSN: 2358-5587

¹ Esse artigo foi escrito a partir da pesquisa de mestrado que resultou na dissertação *Processo de formação de novas categorias conceituais e as agências linguísticas dos Mëbêngôkre Kayapó (Família Jê)*, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Diversidade Sociocultural do Museu Paraense Emílio Goeldi, em 2022, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ana Vilacy Moreira Galúcio.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA-UFPA). Mestra em Diversidade Sociocultural (PPGDS-MPEG). Mestra em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA-UFPA).

Kayapó cosmopolitics and linguistic attitudes: the Brazilian national anthem in the Mëbêngôkre language (Jê Family)

Abstract: This article reflects on linguistic actions for the valorization of the Mëbêngôkre-Kayapó language and worldview. To this end, the “Brazilian National Anthem in the Mëbêngôkre Language”, written by Mokuká Kayapó and published by the Indigenous Cultures Documentation Project of the Indian Museum in 2011, is analyzed. The study has a socio-anthropological approach, carried out through bibliographic survey and informal conversations with bilingual collaborators (Portuguese - Mëbêngôkre), with a field carried out from 2020 to 2022. The central argument is focused on the Kayapó reactions against the years of contact with the *kubê* (non-indigenous) in defense of their physical safety and socio-cultural appreciation. As a result, the role of language/language as an episteme of Kayapó speech and cosmopolitical act is revealed.

Keywords: linguistic attitudes; Kayapó Hymn; Mëbêngôkre language; Kayapó.

Cosmopolítica y actitudes lingüísticas Kayapó: el himno nacional brasileño en lengua Mëbêngôkre (Familia Jê)

Resumen: Este artículo reflexiona sobre las acciones lingüísticas para la valorización de la lengua y cosmovisión Mëbêngôkre-Kayapó. Para ello, se analiza el “Himno Nacional Brasileño en Lengua Mëbêngôkre”, escrito por Mokuká Kayapó y publicado por el Proyecto de Documentación de Culturas Indígenas del Museo del Indio en 2011. El estudio tiene un enfoque socio-antropológico, realizado a través de relevamiento bibliográfico y conversaciones informales con colaboradores bilingües (portugués - Mëbêngôkre), con un campo realizado de 2020 a 2022. El argumento central se centra en las reacciones de los Kayapó contra los años de contacto con los *kubê* (no indígenas) en defensa de su seguridad física y apreciación sociocultural. Como resultado, se revela el papel de la lengua/lengua como episteme del habla y el acto cosmopolítico Kayapó.

Palabras clave: actitudes lingüísticas; Himno Kayapó; Lengua Mëbêngôkre; Kayapó.

O estabelecimento dos colonizadores portugueses no Brasil envolveu interações e confrontos no contato com civilizações diversificadas composta por representantes de famílias linguísticas diversas. Como decorrência desse processo, muitas línguas indígenas se modificaram, resistiram ou foram silenciadas pelo racismo linguístico. Para Krenak (2020: 23) “a cada ano ou a cada semestre uma dessas línguas maternas, um desses idiomas originais de pequenos grupos que estão na periferia da humanidade, é deletada”.

No que concerne aos povos originários ao voltarmos para algumas circunstâncias pretéritas verificamos que esses povos foram resilientes ao processo de colonização do governo português e depois da tentativa de homogeneização linguística brasileira, constituíram e continuam estabelecendo interações, confrontos e negociações em busca de sua segurança física, linguística e cultural.

Embora a história indígena tenha sido narrada nos currículos escolares e documentos oficiais como “adjacente” às narrativas ocidentais, é necessário perceber a nossa própria história de formação. Portanto, as atitudes e perspectivas do ponto de vista dos povos originários precisam ser divulgadas e entendidas, mas para isso “precisamos compreender os significados de suas ações, tanto agora quanto no passado”, conforme Peter Gow (2006: 1).

Este estudo parte das seguintes questões problemas: quais as estratégias adotadas pelos Kayapó para a sobrevivência de sua língua? É possível observar essas ações em suas narrativas, músicas ou produções textuais? Nesse sentido, esta pesquisa analisa o Hino Nacional Brasileiro na Língua Mëbêngôkre para tentar entender as ações de uma liderança Kayapó para valorização de seu povo e defesa das florestas.

O estudo é parte dos debates da dissertação de mestrado “Processo de formação de novas categorias conceituais e as agências linguísticas dos Mëbêngôkre Kayapó (Família Jê)” e da tese de doutoramento em Antropologia, a qual analisa as reações linguísticas dos povos originários na defesa de seus direitos sociolinguísticos no ciberespaço. Para isso, considera-se o caráter dialógico das publicações de autoria indígena, suas políticas cosmolinguísticas, que tem garantido a resiliência desses povos no encaminhamento das políticas Kayapó e para os Kayapó em conformação a cada momento de sua existência (VIOTTI, 2020; CARNEIRO DA CUNHA e CESARINO, 2014).

Metodologia

O estudo possui abordagem socioantropológica e metodologicamente foi desenvolvido em três momentos, a saber: levantamento bibliográfico; análise do hino; e trabalho de campo digital realizado durante a pandemia. O aporte bibliográfico principal contou com os estudos de Krenak (2020), La Cadena (2019); Carneiro da Cunha e Cesarino (2014) e Wardle e Shaffner (2017). O conceito de

atitude linguística foi inspirado na obra *Agency in Language* de Duranti (2004) e de Laura Ahearn (2001), no artigo “Linguagem e agência”;

O hino analisado foi escrito por Mokuká Kayapó³, na língua Mëbêngôkre, na aldeia Moikarakô, localizada na TI Kayapó, em São Félix do Xingu (PA), foi registrado e publicado pelo Subprojeto de documentação da cultura Mëbêngôkre Kayapó no Projeto de Documentação de Culturas Indígenas – PRODOCULT do Museu do Índio em 2011.

O trabalho de campo digital⁴ foi realizado de 2020 a 2022, consistiu no acompanhamento de publicações a respeito de diferentes manifestações Kayapó no Instagram e Facebook, como postagens da associação Instituto KABU. A abordagem também contou com conversações informais via WhatsApp com colaboradores bilingues, lideranças Kayapó, com L1 em Mëbêngôkre e L2 em português, residentes das Terras Indígenas: Kayapó, Baú e Kapot Jarina.

Aspectos históricos e sociolinguísticos do povo da nascente d’água

A respeito dos aspectos sociolinguísticos dos Kayapó, é importante ressaltar alguns contextos históricos que marcaram a trajetória desse povo. No processo de colonização, os falantes de línguas da família Jê, como os Kayapó, eram chamados pejorativamente pelos missionários jesuítas de “índios da língua travada”, por não falarem o “Tupi”⁵, língua considerada de mais fácil entendimento para os missionários (MACHADO, 2022: 27).

Entre os séculos XVI e XVII, no Brasil, foi adotada a política da língua geral para resolver o problema da comunicação com as populações indígenas e assegurar-lhes sua mão de obra. Coube aos missionários a função de ensinar a língua geral enquanto firmavam a atuação religiosa. Muitos aldeados tiveram que abandonar o uso da sua língua nativa e aprender a língua geral.

Os Kayapó localizados na bacia Araguaia-Tocantins passaram pelo processo de catequização inicialmente em Barreira de Santana e depois na Missão Imaculada Conceição, em Conceição do Araguaia, a partir de 1897. A Missão foi criada pelos missionários dominicanos para enraizar o espírito cristão “no trabalho de educação dos meninos(as), se espalhando pelo povoado e chegando até o fundo das matas e florestas” (DIOCESE DA SANTÍSSIMA CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA, 2008: 2).

Conforme os padres dominicanos de Conceição do Araguaia entre os anos de 190-1902, a bacia Araguaia-Tocantins era ocupada pelos Kayapó, Carajá, Tapiapé e A’uwe Xavante, esses grupos eram rotulados de “bravos” ou “amansados”. A nação Kayapó, como mencionada pelos missionários, foi uma das mais numerosas. Conforme os padres dominicanos, os Kayapó levavam sua língua e cultura ao dispersar-se para vários lugares:

A nação dos Cayapó é, de facto, uma das mais numerosas de todo o Brasil, a qual ocupa a mais vasta extensão de território. O seu centro parece ter sido nas nascentes do

³ Mokuká é uma liderança e intérprete Mëbêngôkre-Kayapó. Na infância foi levado por um funcionário do antigo Serviço de Proteção ao Índio à Belém-PA para tratar de uma enfermidade. Morou na capital, aprendeu a falar o português e estudou em escolas públicas (DIAS, 2012).

⁴ Esse campo de investigação envolve o uso de websites e redes sociais, corresponde a algum fenômeno interacional, que pode ser reconhecível por todos os espectadores conectados (LEITÃO; GOMES, 2018: 45). A etnografia em ambiente digital conta com diferentes gêneros discursivos de análise (mensagens de WhatsApp, e-mails, chat e fóruns de discussões etc.), em situações de interações.

⁵ Como era referida por muitos, de forma genérica, a língua Geral Amazônica.

Araguaya, n'uma região em que o governo brasileiro pensou um dia em criar uma província sob o nome de Cayaponia. D'ahi os Kayapós difundiam-se por centenas de léguas em todas as direções nos Estados de São Paulo, Minas, Goyaz e Matto- Grosso. (GALLAIS, 1954: 42)

Atualmente, os Kayapó estão localizados em uma área que se estende do norte do Mato Grosso, à região sul do Pará, desde os afluentes do Rio Fresco (afluente do Xingu) ao leste, até os afluentes do Rio Curuá (VILLAS-BÔAS, 2019). Na perspectiva linguística, Mëbêngôkre designa tanto o nome do povo quanto a língua. Na bibliografia Kayapó, a língua Mëbêngôkre é classificada como pertencente ao sub-ramo Setentrional da família linguística Jê, junto “às línguas Kĩsêdjê (Suyá), Tapayúna (Kajkwakhrattxi) e Apinajé (SALANOVA e NIKULIN, 2020: 2-3).

Segundo Okreãjti Metuktire (2020), o termo Mëbêngôkre pode ser entendido conforme a segmentação morfológica dos designativos abaixo:

Më-bê-ngô-kre
gente-ser-água-buraco
(‘gente que nasce da água’)

Os seguintes significados foram atribuídos a esse nome: “gente da nascente da água, ser do fundo do rio, povo do olho d’água e povo das águas”. Essas definições possivelmente fazem alusão aos rios Tocantins e Araguaia de onde os Kayapó possivelmente são originários (TURNER, 1992; CABRAL, 2017).

O significado do termo que nomeia a língua e o povo demonstra alguns signos da cosmologia Kayapó e a sua relação com entidades sencientes, como a água e a nascente. Nas narrativas cosmológicas, conforme Wardle; Shaffner (2017), humanos dependem e se relacionam com agências que não são humanas para diferentes fins, como seus projetos sociais. Os nomes e narrativas Kayapó são repassadas ao longo do tempo, nelas é possível verificar diversas entidades significativas e relacionamentos entre elas.

Os Kayapó da aldeia Moikarakô, onde se localiza Mokuká Kayapó autor do hino, se autodenominam kaben mex (aqueles que falam bem). A língua é utilizada no cotidiano das aldeias e a maioria dos Kayapó, são falantes do Mëbêngôkre, aprendendo a língua materna ainda na infância e o português na escola ou na cidade. A língua Mëbêngôkre faz parte da identidade Kayapó, representa uma das formas de expressar seus sentimentos e tradições, além de também traduzir a maneira como estes falantes entendem e se relacionam com o mundo.

Acerca da vitalidade⁶ da língua, ressalto a estimativa realizada em 1920 pelo padre Antonio Maria Sala na gramática Kayapó (SALA, 1920), o missionário relatou a provável extinção da língua Kayapó em dez anos (MACHADO, 2022, 2023). Não obstante, conforme o último censo indígena (2022), o número da população Kayapó aumentou, o que incide no aumento de falantes do Mëbêngôkre devido a política linguística interna do grupo de se comunicarem em sua língua materna nos diferentes espaços discursivos, entre outras atitudes. Os dados a seguir constituem a localização e o número aproximado da população Kayapó: TI Kayapó no Pará, 5.455 habitantes; TI Baú no Pará, 672 habitantes; TI Las Casas

⁶ Amaral (2020) menciona os fatores que permite observar a vitalidade de uma língua, conforme indicações levantadas por especialistas a pedido da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Esses fatores podem ser observados através dos seguintes critérios: número de falantes; uso da língua; educação; atitudes (internas e externas); e documentação (AMARAL, 2020: 8). A situação atual da língua Mëbêngôkre indica um caso de vitalidade linguística, mas que requer certos cuidados e incentivos em relação aos aspectos de políticas públicas e educacionais (MACHADO, 2022:37).

no Pará, 458 pessoas; TI Menkragnoti no Pará e Mato Grosso, 1.383 habitantes; e TI Capoto/Jarina no Mato Grosso, 1.588 habitantes (IBGE, 2023).

A língua Mëbêngôkre tem acompanhado as dinâmicas socioculturais Kayapó nomeando seus utensílios e a sociobiodiversidade envolvente. Através da oratória e da escrita descrevem suas tradições e reivindicam seus interesses. Apesar das adversidades, conseguiram se adaptar no tempo e no espaço, conciliando, os saberes tradicionais e a inserção de novos conceitos culturais à língua, como o Hino Kayapó. Como resultados desse fenômeno, existe uma série de aspectos sociolinguísticos que representam sinais (recentes ou antigos) das dinâmicas Kayapó e do posicionamento étnico de seus falantes.

Aldear a política em defesa dos direitos indígenas, das florestas e do nosso planeta⁷

A cosmopolítica mais recente trata de repensar as relações entre entidades. Outras entidades além das humanas não podem mais ser pensadas como meros suportes para o “nosso” mundo; os outros seres e coisas envolvidas terão uma palavra a dizer (WARDLE; SHAFFNER, 2017). Trata-se de interações e tipos de trocas entre humanos e outros agentes e entidades que são fundamentais para um cosmos: “humanos”, “coisas”, “deuses”, juntos compõem mundos particulares, mundos mutuamente definidores (“culturas-natureza” coletivas) (WARDLE; SHAFFNER, 2017: 16).

Marisol de La Cadena (2019: 1) ao analisar eventos políticos do movimento indígena popular no Peru, no Equador e na Bolívia, destaca que a noção de indigeneidade está relacionada a uma formação histórica que excede a noção usual de política tais como conhecemos, pois, fundamentam-se na cosmopolítica para a sobrevivência das espécies, em posição antimineração.

Sobre o acesso à justiça de povos indígenas, Ailton Krenak (2020) em suas disposições conceituais, chama atenção para o rompimento da distinção entre terra e humanidade, pois para ele “tudo é natureza. O cosmos é natureza”, vejamos:

A ideia de nós, os humanos, nos deslocarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo. (KRENAK, 2020: 23)

Para o autor a interação do ser humano com a natureza é um campo de experiências possíveis. Ao citar Kopenawa, reflete: “as pessoas podem viver com o espírito da floresta, viver com a floresta, estar na floresta (2020:25)”. Embora as condições climáticas atuais reverberem a importância da conservação das florestas e do meio ambiente, narrativas que chamam atenção para esses fenômenos são alvos constantemente de críticas depreciativas em favor de uma narrativa globalizante (KRENAK, 2020: 10).

Na busca pelo entendimento de como são constituídos uma comunidade e o seu cosmos, incluem-se nas conceituações analíticas não apenas as relações dos seres humanos, mas também outros agentes e objetos cruciais que participam e contribuem para qualquer significado que “sociedade”, “comunidade” e “cosmos” venham a abranger (WARDLE; SHAFFNER, 2017: 16).

⁷ Este título faz referência aos discursos proferidos pelas lideranças Kayapó no Acampamento Terra Livre (ATL) na cidade Brasília em 2022.

Nesse sentido, a ressignificação do Hino Nacional Brasileiro a uma língua indígena, à língua Mëbêngôkre, criada por uma liderança indígena, o músico, poeta e escritor Mokuká Kayapó, torna-se um documento textual que tanto descreve o universo sociocultural Kayapó como denuncia os impactos socioambientais sofridos pelo grupo. O Hino Kayapó apresenta algumas entidades mais familiares, como: terra, água, mata, sol, floresta e animais, além dos objetos: arco, flecha e o Rop'i, nành, kop, kô kangrà, que consiste: Rop'i (lança de ossos de onça), nành (lança com qualquer osso), kop (borduna em forma de espada) e o kô kangrà (borduna entelhada), são as entidades que aparecem nessa arena política.

As diversidades e entidades devem ser respeitadas como quaisquer outras formas de viver e entender o mundo. Outrossim, premente a necessidade de ouvirmos o que os povos originários escrevem ou narram sobre suas próprias histórias e histórias outras. Assim, verificaremos múltiplos saberes que destacam na pauta da política, a natureza e um mundo comum sob a perspectiva de autores indígenas.

Reflorestar o pensamento: forças, falas e cantos que ecoam⁸

*Be jakam bet djá gu me arym ba arym kaben o ba bit noro ket:
se nós escrevermos a nossa língua a gente não esquece.
(BEP PUNU KAYAPÓ, 2019)*

Nas redes sociais lideranças Kayapó e outros autores indígenas têm evocado entidades sencientes, tais como: água e terra, elementos da “natureza”, para o interior da arena política. O movimento Kayapó, representado por diferentes associações, tais como: Associação Floresta Protegida e o Instituto KABU, por exemplo, tem usado as redes sociais para divulgar os saberes de povo, suas vivências como comunidade, seus eventos e posicionamentos acerca dos direitos dos povos originários.

Por cosmopolítica entende-se mundos múltiplos, divergentes e articulados, a qual todos estão implicados na intercambialidade de posições (STENGER, 2018: 447). Como mencionado, na cosmopolítica se coloca na pauta da ciência e da política, a natureza e um mundo comum (WARDLE e SHAFFNER, 2017).

De acordo com Garcés (2015: 2) há várias décadas, os Kayapó se articulam para o fortalecimento do grupo, sobretudo no início do século XX. Nota-se que os Kayapó e suas lideranças estabelecem as mais variadas formas de “legitimar” suas identidades e sobreviver às dinâmicas sociais do mundo. Conforme o Instituto Kabu (2020), os Kayapó criaram inúmeras iniciativas de vigilância das TIs, de proteção territorial, de geração de renda, com alternativas econômicas sustentáveis e de valorização cultural para que as futuras gerações sejam fortalecidas e os territórios protegidos.

Essas ações indígenas se intensificaram, segundo Ivan Stibich (2019), especialmente pela constituição de 1988. Com essas mudanças foi instituído um novo panorama educacional e legislativo, com respeito à autonomia social, política, econômica e cultural dos povos indígenas “que lutam por respeito e melhor qualidade de vida para o seu povo” (LUCIANO, 2006).

Do ponto de vista das atitudes ou reações linguísticas, a agência de um povo consiste na capacidade de agir mediada socioculturalmente (AHEARN, 2001:

⁸ O título desta seção faz referência as discussões do I encontro de Mulheres Mëbêngôkre e Panará realizado pelo Instituto Raoni de 09 a 12 de outubro de 2022 na aldeia Piaraçu TI Capoto Jarina.

128). Para Duranti (2004: 452-4), os diferentes seres agem através da linguagem ou mediados por ela, cujas ações no mundo afetam outras entidades e cujas ações são objeto de avaliação. Nesse sentido, os movimentos e as reivindicações desse povo, como a Lei 571/2019 de 13 de novembro de 2019, que dispõe sobre a cooficialização da língua Mëbêngôkre (Kayapó), no município de São Félix do Xingu – PA, são uma das várias ações pelo fortalecimento da língua.

Dessa forma, se no passado os povos das línguas Jê foram considerados pelos jesuítas como os povos das “línguas travadas”. Hoje, o caráter dinâmico da linguagem reverbera a importância da língua para o meio social em que é falada, sendo o texto (oral ou escrito), uma forma de se posicionar, registrar e documentar as mudanças, pensamentos, histórias e encontros desse povo.

Hino Nacional Brasileiro na perspectiva Mëbêngôkre (Kayapó)

Méikukamãre môro dhá né méikumrénh
Kám mrýmé kwêimé ák mé tép kuméthi
Kadhú Mëbêngôkré kuni itýx kumrénh
Nám mýt apói né bá kurwý méitiré
Biri múkám mépriré kadhú
Gêarêk mébamá mý ý ya yaráá né
Mýi néga ama, origuménhú, akati mé akamát kuni kôt, mari
Méba dhu mari méi kám mé kuni kinh tiré
Báméikám méumari méiné kính kumrénh
Ménggrére mébayôk méba kumrénh
Dhudhê mé kruwa mé kuté abén pýrák
Méba kukrádhá dhwýi kuni itýx
Rop-í mé náí mé kóp méi kôkangáyá kubê
Mëbêngôkré kuni nhô mý ý ya
Méba nhítýtho pri né bá pytárá
Pýka méitire méba kuni amipumú badhumariméy
Pýka mébá méitire nó
Kám mé, amîma, né, utá!

*A terra dos nossos antepassados é abundante em caça, pássaros,
aves e peixes diversos
Dela provém a força do nosso povo
O sol nasce iluminando a linda floresta
Lembremo-nos dia e noite que precisamos preservá-la pelo
bem das nossas crianças
Vivemos em paz e somos felizes
Nossa paz e nossa alegria está em vivermos nesta bela mata
Preservando nossas músicas, nossas pinturas e enfeites,
nosso arco e nossa flecha
Nossas tradições culturais são muito fortes
Rop'i, nành, kop, kô kangrà pertencem tradicionalmente ao nosso povo
Com nossa coragem dominamos está linda região da floresta
Vivemos em harmonia e paz. (KAYAPÓ, 2020)*

O Hino nacional na língua Mëbêngôkre é cantado em eventos políticos, seminários, cerimônias e reuniões. Ao ser entoado segue os ritos de um hino nacional, as vezes com a mão no peito, postura erguida, canto forte e concentração. A presença das mulheres também é marcante no canto. Além da musicalidade e corporeidade, a composição representa um ato político com a participação ativa dos envolvidos na cerimônia, como se pode observar no Hino Kayapó cantado na aldeia multiétnica, Vila São Jorge, GO, em 2010.



Fonte: Demian Reis (2010).

As apresentações do Hino Kayapó é um momento de destaque e ao mesmo tempo de luta e/ou diálogos políticos. Contudo, a perspectiva criada por Mokuká contextualiza a visão de mundo dos Kayapó e suas relações cosmoecológicas. Como se observa no Hino Nacional Brasileiro, o trecho: “ouviram do Ipiranga as margens plácidas”, remete ao grito de independência do Brasil. Na versão Mëbêngôkre, Mokuká destaca: “a terra dos nossos antepassados é abundante em caça, pássaros, aves e peixes diversos”. A versão Mëbêngôkre se distancia do Hino Nacional Brasileiro e apesar da mesma melodia, a letra se transforma completamente.

A versão Kayapó considera a relação dos seres humanos com o meio ambiente: é da “Mãe Terra que provém a força de meu povo”. Assim, cita o povo da nascente da água e os elementos naturais, como: sol e floresta. Atribui a floresta em pé a felicidade do grupo e alerta sobre a preservação da natureza para o bem das crianças. Para o autor, a alegria de seu povo está em viver na mata bela.

Essa menção dialoga com o discurso proferido por Panh Ô Kayapó, cacica da aldeia Baú, em uma publicação do Instituto Kabu, em uma entrevista à equipe da Global Witness (GW):

Minha luta é para defender a terra, a floresta e o rio. Por que eu estou fazendo isso? Porque isso é muito importante para mim, é para meu futuro, para os meus filhos, para os meus netos, bisnetos [...] é para o meu futuro. Minha luta vai continuar até onde eu alcançar. (PANH Ô KAYAPÓ, 2023)

O hino e o discurso da cacica destacam que grande parte das áreas de mata e florestas ainda existentes no Brasil estão localizadas nas reservas ambientais ou extrativistas e nos territórios e áreas indígenas. Sendo esse mais um motivo da luta ancestral para a conservação ambiental. Para Mokuká a floresta, a aldeia e a terra indígena são o seu “estado nação”, pois “com nossa coragem dominamos está região da floresta”.

O autor destaca a ancestralidade dos povos originários, sobretudo no trecho: “nossas músicas, nossas pinturas e enfeites, nosso arco e nossa flecha, nossas tradições são muito fortes, *Rop’i, nành, kop, kô kangrà*, pois pertencem tradicionalmente ao nosso povo e somos conscientes disso. Essas linhas ilustram a consciência dos papéis desempenhados pelos Kayapó e suas estratégias de sobrevivên-

cia. São formas de entender o mundo descortinadas pela linguagem, gestos, olhares, expressões faciais e todos os recursos extralinguísticos e linguísticos utilizados pelos indivíduos que cantam o Hino.

Ao analisar a versão Kayapó, lembrei, então, de uma questão levantada por Evans-Pritchard (1978), sobre a ação missionária juntos aos povos Azande na África Central e a tradução de hinos ingleses para o zande, o autor destacou:

Publiquei uma notícia sobre certos hinos ingleses quando traduzidos para o zande. Os missionários usaram, por exemplo, a palavra *mbori* para traduzir “Deus” em zande, sem ter a menor idéia do significado do termo para os Azande. Coisas ainda piores aconteceram em algumas línguas nilóticas. Não vou insistir no assunto; deixem-me apenas dizer que, no final das contas, a confusão se torna inextricável: ao escolher uma palavra nativa para “Deus”, os missionários terminam inevitavelmente por conferir ao termo nativo o significado e as qualidades que a palavra “Deus” tem para eles, missionários. (EVANS-PRITCHARD, 1978: 251)

Certamente a questão da tradução de uma língua L1 para uma segunda língua L2 implica em uma série de situações, esses fatores ultrapassam a transposição de uma língua de saída para uma língua de chegada, tradução interlingual. Para traduzir algo, além de saber a língua, é necessário conhecer o contexto local daquele determinado povo. Embora a situação levantada por Evans-Pritchard implique nas intencionalidades do tradutor missionário, há casos da ausência de sinônimos perfeitos para expressar palavras ou frases, isso ocorre devido ao conceito semântico de algumas palavras serem completamente contextuais para uma “tradução propriamente dita”.

No caso do hino dos Kayapó a tradução ocorre pelo sentido da mensagem e não pela transposição do vocabulário, os recursos utilizados pelo compositor estão além de características linguísticas. Em outras palavras, existe uma tradução criativa, mas não necessariamente de tradução intersemiótica (PLAZA, 2008). Na versão Mëbêngôkre existe a própria perspectiva do autor, repleta de significados, histórias e reações ao colonialismo, com versos idênticos na musicalidade, mas com a transformação/adaptação das estruturas de sentido.

A versão Mëbêngôkre desvela as atitudes da comunidade linguística de demarcar e compartilhar com os “outros” (kubê) o entendimento de mundo Kayapó através de vários códigos de informação. Essas atitudes não ocorrem apenas no Hino, diferentes produções discursivas têm sido criadas por músicos e artistas Kayapó para demonstrar suas visões e entendimentos, como: o grupo Forró NB, Beto Kayapó, Bepdjyre Mekragnotire, Tewakrá Kayapó e Pykatire Kayapó.

Como revela Bep Kayapó (2019), me ije aben mã ikaben kadjy, ne me ikaben kam ingrere kadjy ne ije aben mã idjuaren ne aben kaben mar, kam ne me ikaben mramri rã'ã, a língua é fundamental “para nós podermos nos entender, cantar na nossa língua e para podermos conversar, por isso é muito importante”. Desse modo, não só a língua, mas os signos Kayapó desvelam relações e interações com diferentes entidades, juntas formam organizações próprias de entender e significar o mundo e as florestas.

Considerações finais

A cosmologia Kayapó nos faz compreender que seus saberes são resultado de milhares de anos da interação entre os seres humanos e não humanos, existindo uma reflexão própria com o meio ambiente. A biodiversidade que cerca as aldeias, como as narradas por Mokuká, estão marcadas no grafismo, na dança, no léxico e nas produções discursivas dos povos originários.

Os pontos de vistas Kayapó, narrado por seus autores, revelam a importância da sua língua para o conhecimento da diversidade sociocultural e linguística que formam as histórias do Brasil, da Amazônia e de nossos ancestrais. Por isso, a importância de expandir nossos olhares para conhecer e entender as ontologias desses compositores/autores. Deve-se, assim, superar o discurso colonialista marcado na sociedade brasileira de que os povos originários em contato com os europeus trilharam o caminho da assimilação, pois pelo contrário, criaram e continuam usando formas resilientes em defesa de seus direitos.

O hino na perspectiva Kayapó revela uma consciência cosmológica relacionada a uma rede de conexões entre natureza, cultura e nação/território. Chama atenção para produções de autoria indígena destacando concepções tão necessárias para o entendimento do passado e do presente dos diversos coletivos étnicos. Nesse sentido, o hino, além de referência identitária é um ato político que visa assegurar direitos sociais, como: autonomia, respeito e reconhecimento. Logo, a língua Mëbêngôkre é viva, dinâmica e está em uso para comunicação, ação e reação de seus usuários.

Agradecimentos

Aos Kayapó pelas experiências compartilhadas, em especial, ao Okreãjti Me-tuktire (Patxon), Mydjere Kayapó, Mokuká Kayapó e Bepgogoti Kayapó; as professoras, Ana Vilacy Moreira Galúcio e Nayara da Silva Camargo, ao Professor Márcio Augusto Freitas de Meira, pelas leituras, contribuições e incentivo na pesquisa.

Recebido em 1 de dezembro de 2023.
Aceito em 23 de fevereiro de 2024.

Referências

- AHEARN, Laura M. Linguagem e agência. *Annual Review of Anthropology*, 30(1): 109-137, 2001.
- AMARAL, Luiz. Estratégias para a revitalização de línguas ameaçadas e a realidade brasileira. *Cadernos de Linguística*, 1 (3), 2020.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N). *Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 6ª ed. Tradução por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.

CABRAL, Rafael Ribeiro. Corpografias Mëbêngôkre – Identidade e processo criativo no corpo artístico-etno-pesquisador. *Anais Eletrônicos – ABRACE*, 18 (1), 2017.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; CESARINO, Pedro de Niemeyer (orgs.). *Políticas culturais e povos indígenas*. São Paulo: Cultura acadêmica, 2014.

DE LA CADENA, M. Cosmopolítica indígena nos Andes: Reflexões conceituais para além da “política”. *Maloca: Revista de Estudos Indígenas*, 2, 2019.

DIAS, Camila Loureiro. Os índios, a Amazônia e os conceitos de escravidão e liberdade. *Estudos Avançados*, 33 (97), 2019.

DIAS, Diego Madi. a antropologia de um Kayapó. In: GONCALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vania Z. (Org.). *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro: Ed. Viveiros de Castro, 2012.

DURANTI, Alessandro. “Agency in Language”. In: DURANTI, A. *A companion to linguistic anthropology*. Malden: Blackwell Pub, 2004.

E. EVANS-PRITCHARD, Edward. “Apêndice IV: Algumas Reminiscências e Reflexões sobre o Trabalho de Campo”. In: *Bruxaria, Oráculo e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GARCÉS, Claudia Leonor López. et al. Objetos indígenas para o mercado: produção, intercâmbio, comércio e suas transformações. Experiências Ka’apor e Mëbêngôkre-Kayapó. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum. [online]*, 2015.

GALLAIS, Estevão Maria. *Uma catequese entre os índios do Araguaia (1903)*. Tradução de Otaviano Esselin. Salvador/BA: Livraria Progresso Editora, 1954.

GOW, Peter. “Da etnografia à História: “Introdução” e “Conclusão” de *Of Mixed Blood: Kinship and History in Peruvian Amazonia*”. In: *Cadernos de Campo*, São Paulo, 2006. pp. 197-226.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2022*.

KABU, Instituto. Disponível em: <https://www.kabu.org.br/>.

KAYAPÓ, Bep Punu. *Be jakam bet djá gu me arym ba arym kaben o ba bit noro ket*: se nós escrevermos a nossa língua a gente não esquece. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, 2019.

KAYAPÓ, Mokuká. *Etnias Kayapó*. FUNAI, Museu do índio.

KAYAPÓ, Panh Ô. *Cacica Panh Ô*. Instituto KABU.

KRENAK, Ailton. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEITÃO, Débora K.; GOMES, Laura Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. In: RAMOS, J. de S.; FREITAS, E. T. Dossiê temático: Etnografia digital. *Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia*, 1 (42), 2018.

LUCIANO, Gersem dos Santos. *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: MEC/LACED/Museu Nacional, 2006.

MACHADO, Michelly Silva. *Processo de formação de novas categorias conceituais e as agências linguísticas dos Mëbêngôkre Kayapó (Família Jê)*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Diversidade Sociocultural, Museu Paraense Emílio Goeldi, 2022.

MACHADO, Michelly Silva. Formação neológica e o mito: esboçando correlações semânticas em Mëbêngôkré (Kayapó). *Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – UFMS*, 27 (53): 41-64, 2023.

MUSEU DO ÍNDIO. FUNAI. *Etnia Kayapó*, 2011.

METUKTIRE, Okreãjti. Textos avulsos. Mato Grosso. Textos avulsos. Arquivo doc. Via Facebook, 2020.

PLAZA, J. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

REIS, Demian. *Hino da etnia Kaiapó do Pará*. Publicado em 17 de set. de 2010: Disponível no Youtube.

SALA, Antonio Maria. *Ensaio da gramática Kayapó*. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo: Diário Oficial, 1920.

SALANOVA, Andrés Pablo; NIKULIN, Andrey. A história que conta o léxico Mëbêngôkre. *Revista de Letras Norte@mentos*, 13 (33): 52-106, 2020.

STIBICH, Ivan. *Esforços para a implantação de uma “nova política indigenista” pelas gestões petistas (2003-2016): etnografia de um processo a partir da Fundação Nacional do Índio (Funai)*. Brasília: Tese de Doutorado, Departamento de Antropologia, UNB, 2019.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 69: 442-464, 2018.

VAN DER VOORT, Hein. “A relevância das línguas indígenas na biota amazônica”. In: GALÚCIO, A. V. PRUDENTE, A. L. *Museu Goeldi: 150 anos de Ciência na Amazônia: Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém, 2019.

VIOTTI, Evani. Avaliando a vitalidade linguística em contextos de multilinguismo: etnografias versus modelos computacionais Assessing language vitality in multilingual contexts: ethnographies versus computational models. *Revista Linguística*, 16 (1): 62–84, 2020.

WARDLE, Huon; SHAFFNER, Justin. “Introduction: Comopolitics as a Way of Thinking”. In: WARDLE, Huon; SHAFFNER, Justin. *Cosmopolitics: The Collected Papers of the Open Anthropology Cooperative*. Open Anthropology Cooperative Press, 2017.

DOSSIÊS APROVADOS 2025-2027

VOLUME 12, NÚMERO 28 (JANEIRO-ABRIL DE 2025)

Antropologias dos desertos: Ecologias, povos e cosmologias entre os vazios e as abundâncias de um mundo em transformação

Dra. Antonela dos Santos (Universidad de Buenos Aires, CONICET)

Dr. Gabriel Rodrigues Lopes (UFS)

Dr. Pedro Emilio Robledo (Universidad Nacional de Córdoba, CONICET)

VOLUME 12, NÚMERO 28 (MAIO-AGOSTO DE 2025)

Mídias digitais e suas implicações na vida cotidiana: contribuições antropológicas

Dra. Carolina Parreiras (USP)

Dra. Lara Roberta Rodrigues Facioli (UFPR)

VOLUME 12, NÚMERO 30 (SETEMBRO-DEZEMBRO DE 2025)

Enfoques Contemporâneos sobre os Estudos do Cuidado

Dr. Fabio de Medina da Silva Gomes (Unemat)

Dra. Ludmila Rodrigues Antunes (UFF)

VOLUME 13, NÚMERO 31 (JANEIRO-ABRIL DE 2026)

Epistemologias étnica e racialmente diferenciadas: diálogos possíveis

Dra. Jane Felipe Beltrão, (UFPA)

Dra. Talyta Suenny Araújo (Museu Paraense Emílio Goeldi)

Dr. Rhuan Carlos dos Santos Lopes (UFC e UNILAB)

Dr. Almiros Martins Machado (PPGA)

VOLUME 13, NÚMERO 32 (MAIO-AGOSTO DE 2026)

Masculinidades, curso de vida e cuidado

Dr. Esmael Alves de Oliveira (UFGD)

Dr. Marcos Nascimento (IFF/Fiocruz/RJ)

Dr. Camilo Braz (UFG)

VOLUME 13, NÚMERO 33 (SETEMBRO-DEZEMBRO DE 2026)

Etnografia, escrita de si e escrita entre os seus: experimentações, desafios e potencialidades

Dr. Leandro de Oliveira (UFMG)

Dr. Felipe Tuxá Sotto Maior Cruz (UFBA)

As submissões serão abertas em torno de seis meses antes da data de publicação. Cadastre-se no portal da Revista Aceno para receber as notificações. <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/index>